

UMA MULHER ESCANDALOSA: SITUAÇÕES QUE MARCAM A CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE

Albetania Pessoa de Sousa¹
Rejane de Souza Ferreira²

RESUMO: Neste artigo fazemos a análise da identidade de Eily, protagonista do conto *Uma Mulher Escandalosa*, da irlandesa Edna O'Brien (1982). Para isso, iniciamos problematizando os percursos de como se dá a construção da identidade feminina, sob a perspectiva da narradora. Em seguida, apresentamos como a narrativa em si contribui para a construção da identidade de Eily, destacando três situações que melhor representam a identidade da protagonista. Desse modo, essa análise justifica-se porque a história narrada intercambia experiências sobre mulheres que foram silenciadas e afetadas em sua individualidade por um conjunto de poderes impessoal e atemporal, para os quais suscita espanto e reflexão. A condução teórica da análise literária está composta pelos referenciais de Luís Alberto Brandão Santos e Silvana Pessôa de Oliveira (2001), que apontam como se dá a construção da narrativa, seguidos pelos conceitos sobre o tipo de narrador proposto por Norman Friedman (2002) e Yves Reuter (2004). Para a análise identitária trago as abordagens de Kathryn Woodward (2017), Erich Fromm (1955/58), Jean-Claude Deschamps e Pascal Moliner (2009), além de Michael Foucault (1986), que explica os mecanismos de poder sobre os corpos, e por último, a perspectiva de Judith Butler (2003/17) sobre a identidade de gênero.

PALAVRAS-CHAVE: Representação; Identidade; Gênero; Mulher; Poder; Edna O'Brien.

A SCANDALOUS WOMAN: SITUATIONS THAT MARK THE CONSTRUCTION OF IDENTITY

ABSTRACT: In this essay we analyze the identity of the narrator and the protagonist Eily from the short story "A Scandalous Woman", by the Irish writer Edna O'Brien. For this, we start by problematizing the paths of how the construction of female identity occurs, from the perspective of the narrator. Then, we present how the narrative itself contributes to the construction of Eily's identity, highlighting three situations that best represent the protagonist's identity. Thus, this analysis is justified because the narrated story exchanges experiences about women who were silenced and affected in their individuality by a set of impersonal and timeless powers, for which it arouses astonishment and reflection. The theoretical conduct of literary analysis is composed by the references of Luís Alberto Brandão Santos and Silvana Pessôa de Oliveira (2001), which point out how the construction of the narrative takes place, followed by the concepts about the type of narrator proposed by Norman Friedman (2002) and Yves Reuter (2004). For the identity analysis I bring the approaches of Kathryn Woodward (2017), Erich Fromm (1955/58), Jean-Claude Deschamps and Pascal Moliner (2009), as well as Michael Foucault (1986), who explains the mechanisms of power over bodies, and finally, Judith Butler's (2003/17) perspective on the identity of genre.

KEYWORDS: Representation; Identity; Gender; Woman; Power; Edna O'Brien.

¹ Mestra em Letras pela Universidade Federal do Tocantins. Coordenadora de Cultura junto à PROEX na Universidade Estadual do Tocantins. E-mail: aps.albetania@gmail.com

² Professora do Curso de Letras Inglês e do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Tocantins. Tem mestrado e doutorado em Letras e Linguística pela Universidade Federal de Goiás; fez estágio de doutoramento na University College Dublin (2013). Seu e-mail é rejaneferreira@uft.edu.br

Introdução

As reflexões sobre a identidade, de modo geral, abordam tanto aspectos coletivos, quanto individuais, que levam a problematizar a integração das pessoas num espaço social em busca do reconhecimento de uma pertença. A identidade da protagonista no conto *Uma Mulher Escandalosa* é naturalizada como restrita ao ambiente doméstico, com os devidos respaldos promovidos pelos campos de poder do Estado e da Igreja Católica. Essa vertente é uma problemática que está na discussão deste artigo. É também pelo campo de questionamento da identidade de gênero, que vamos analisar a representação da construção da identidade da protagonista do conto, para a qual enxergamos como uma crítica de Edna O'Brien exortando as mulheres a questionarem esse lugar naturalizado pelas forças do poder, desafiando a imagem idealizada da mulher, como está na configuração da Constituição da Irlanda de 1937.

O ponto de vista no conto *Uma Mulher Escandalosa*: a representação identitária da protagonista

A representação identitária de Eily, a protagonista do conto *Uma Mulher Escandalosa*, relaciona-se ao fato de responder a uma pergunta fundamental nesta análise, que é como o ponto de vista da narradora representa a construção da identidade de Eily, em relação a diferença com outras identidades de personagens da trama. Por representação, tomamos posse da formulação de Erich Auerbach (2013), que atrela a representação da realidade ao objeto literário, cujo interesse é a interpretação do real por meio da representação literária, agregando uma formulação moderna ao termo *mimesis*.

Partindo dessa premissa, o que se traz ao escopo deste artigo é a história de Eily, desde sua infância até sua vida adulta, e como o ponto de vista de sua amiga narradora revela a construção da identidade da personagem em foco. A fase da infância de Eily se resumiu a idas à escola, trabalhos manuais e domésticos, estes em constante conflito com a sua irmã Nuala, “Eily e Nuala sempre brigavam – problemas como quem deveria separar o leite, ou quem deveria tirar água do poço, ou quem deveria bater a manteiga, ou quem deveria assar o pão” (O'BRIEN, 1982, p. 14)³. Além dos conflitos com a irmã, vivia escondida debaixo da mesa para fugir dos abusos físicos do pai. Como se pode ver: “Ela era um pouco teimosa e reservada na frente dos pais e dos outros, e dizem que, quando jovem, vivia debaixo da mesa para fugir às sovas do pai” (p. 13). As brincadeiras eram esquisitas, ao ponto de a narradora dizer que “Em tudo e por tudo era uma coisa horrível, mas mesmo assim eu ia lá toda terça-feira” (p. 17). Esses conflitos da infância se estendem para a adolescência, e se intensificam depois do baile de gala em benefício do novo altar de mosaico que marcou seu *début*. Após seus quinze anos, passa a ser objeto de desejo dos homens, “Ela era a preferida de todos naquele verão” (p. 26), dentre eles, o

³ As próximas citações diretas do conto que aparecerem sem recuo, a partir deste ponto, têm citadas somente as páginas.

novo bancário do povoado, cujo nome é Jack, com quem Eily passa a ter encontros clandestinos, mesmo depois de ficar sabendo que ele tinha uma namorada em outro lugar. A cúmplice da relação é a narradora da história, que escolhe Eily como amiga.

Quando o pai de Eily descobre o romance, a vida dela se transforma, ela passa a viver enclausurada em um quarto da casa, “onde eles guardavam aveia e ratos pululavam” (p. 30), podendo ir somente à igreja sob vigilância. Diariamente, ela era sabatinada pelos pais e pela sra. Brady, a mãe da narradora, sobre os detalhes dos encontros clandestinos. O pai de Eily com o apoio do padre e do vizinho, que era o pai da narradora, decidem casá-la sob a alegação de torná-la uma mulher honesta, pois segundo seu próprio pai, “ela trazia um leitão dentro de si” (p. 34), o que para Jack era natural, considerando que na sua visão, “havia muitas moças assim” (p. 34). Em relutância ao casamento, Jack levanta três objeções: não tinha casa, não tinha dinheiro e não estava pensando em se casar.

Diante de todos os transtornos, repressões e interrogatórios, Eily começa a parecer apática e indiferente a essa decisão, apesar de antes de ser descoberta pelo seu pai, tenha inquerido esforços em ficar com Jack, a ponto de ir à procura de uma cartomante para se certificar de que conseguiria se casar com o sonhado “Romeu”, codinome do pretendente Jack. O casamento é celebrado, os dois vão morar em outra cidade distante do povoado da família de Eily. Somente quatro anos depois, ela volta a casa dos pais com o marido e mais três filhos, no entanto, apresenta sinais de perturbação mental.

Toda a narrativa é contada no tempo passado, porém sem apresentar marcação de data específica e o espaço circunda em um povoado rural indefinido na Irlanda, o que sinaliza que essa história pode pertencer a qualquer época e além das fronteiras daquele país. Logo no início já se percebe a ciclicidade do enredo, pois a narradora dá a entender que essa história é comum e recorrente na vida de várias mulheres. Na vida de Eily não seria muito diferente, podemos ver esse prenúncio no primeiro parágrafo do conto:

Em nosso povoado todo mundo era especial, e uma ou duas moças, bonitas. Houve umas antes e depois, mas foi de Eily que me aproximei. Às vezes a gente se vê aceita pelos outros, é querida, favorecida, se faz cúmplice, e depois acontece, é o destino, e depois acaba e a gente se senta e descobre que, infelizmente, chegou a vez de outra pessoa tomar o nosso lugar. (O'BRIEN, 1982, p. 13)

Embora, boa parte da trama se dê no espaço da casa de Eily, existe uma relação desse espaço com outros lugares tão angustiantes quanto a casa, projetando uma posição política como um claro desafio aos ditames ideológicos da Irlanda da época. Em toda história há uma voz que narra, articulada pela posição do narrador. De acordo com Luis Alberto Brandão Santos e Silvana Pessôa de Oliveira (2001), uma narrativa constrói-se através de uma série de convenções que se revelam a partir do ponto de vista escolhido. No conto é possível perceber, por exemplo, como os valores católicos controlavam o comportamento das pessoas, pois um padre foi chamado para resolver o suposto desvio de conduta de Eily:

[u]ma missão começou na semana seguinte e um estranho padre, com um belo sotaque e um forte senso de retórica, dava os sermões toda tarde. Era melhor que um teatro (...) Eu podia vislumbrar Eily, cercada pela mãe e por uma outra senhora idosa, pálida e impassível [...] Um dia todos esses pecados teriam de ser levados em conta para o castigo” (O'BRIEN, 1982, p. 19-20).

A narradora não tem seu nome revelado, contudo, sabemos que ela além de amiga de Eily, era também sua vizinha e que seus pais exerciam alguma influência em relação à família da amiga. No ensaio “O ponto de vista na ficção”, Norman Friedman traz uma definição que categoriza esse tipo de narradora como testemunha, a qual,

é um personagem em seu próprio direito *dentro* da estória, mais ou menos envolvido na ação, mais ou menos familiarizado com os personagens principais, que fala ao leitor em primeira pessoa. A consequência natural desse espectro narrativo é que a testemunha não tem um acesso senão ordinário aos estados mentais dos outros. (2002, p. 175-176 – grifo do autor)

Por não ter acesso direto à mente dos personagens, ela conta somente aquilo que observa a partir do seu próprio ponto de vista. Neste caso, usa o recurso do compartilhamento de algo do qual teve participação com a personagem principal, a partir de sua visão limitada, própria de uma narradora homodiegética.

Com o objetivo de garantir a veracidade da história que a narradora está contando a partir de suas lembranças, ela faz a inserção da fala de outros personagens. Para demonstrar como isso ocorre, retomamos ao ponto das brincadeiras da infância da narradora, com Eily e Nuala. A narradora não só conta como se davam as brincadeiras simplesmente, mas reconta a fala das meninas, supostamente como elas teriam expressado:

Nuala usava uma máscara. Era de papel machê vermelho e existia na casa desde que alguns mascarados tinham ido lá no dia da festa de São Estevão, tinham sido mordidos pelo cachorro e perdido algumas de suas relíquias, inclusive a máscara e uma perneira. Antes de começar ela tinha acessos de tosse secos e bem conhecidos, imitando exatamente os acessos de tosse secos e bem conhecidos de médico. *Nunca poderei me esquecer aqueles últimos instantes em que ela esticava o elástico por detrás da nuca e perguntava a Eily. “Tudo pronto enfermeira?”* (O'BRIEN, 1982, p. 16 – grifo nosso).

Ao usarmos o termo “supostamente” estamos chamando a atenção para o fato de que essa narradora está contando a história anos depois do acontecimento dos fatos. Sabemos que por mais que ela queira ser fiel, sua fala vem marcada pela subjetividade de sua memória, no entanto, a ênfase dada pela marcação de suas palavras “Nunca poderei me esquecer” estabelece uma ligação de sua consciência entre o estado presente e os estados anteriores, atribuindo convicção aos fatos narrados. A descrição das brincadeiras da infância também reforça a expressão do grau de veracidade daquilo que está sendo contado, pois revelam a relação direta e íntima que a narradora mantinha com

a protagonista. No entanto, por ter uma relação íntima com Eily, essa narradora é sem dúvida fortemente influenciada na sua maneira de contar a história por características subjetivas e emocionais, pois ela está muito próxima do universo narrado, conseqüentemente, essa proximidade contamina a narradora pela parcialidade impregnada pelo seu ponto de vista sobre os fatos revelados. Todavia, de acordo com Yves Reuter (2004), a função da narradora como testemunha está centrada sobre a comprovação do que está narrando pela expressão do grau da certeza; sobre a emoção, quando exprime as emoções que a história suscita nela; e sobre a avaliação, quando faz julgamento das ações. O grau de certeza é reforçado pela narradora no enunciado da expressão “nunca poderei me esquecer”, ao passo que, conforme o trecho a seguir, ela demonstra o quanto estava envolvida emocionalmente, mas mesmo assim, consegue fazer uma avaliação, a ponto de o leitor passar a conhecer o exercício de dominação entre elas, vejamos:

Eu costumava ir até sua casa para brincar e, apesar das duas serem mais velhas que eu (...) faziam chantagem comigo por meio de carretéis vazios ou retalhos de fazenda para minhas bonecas (...) eu encarava Eily e ela desviava o olhar para o céu como se quisesse me dizer “coitadinha”, *mas ela nunca contrariava Nuala, nem desobedecia às suas ordens* (...) Em tudo e por tudo era uma coisa horrível, mas mesmo assim eu ia lá toda terça-feira. Cascas de ferida ou cortes eram considerados como coisas bem desagradáveis, e marcas de elástico como sinais de coisa grave. Eu também tinha de fazer uma confissão geral. Costumava ficar lá deitada, rezando para que a mãe delas voltasse para casa inesperadamente. Era sempre na terça-feira, dia em que sua mãe ia ao mercado vender coisas (O'BRIEN, 1982, p. 14-15,16-17 – grifo nosso).

Isso indica que Eily e Nuala faziam chantagem com a narradora, usando desse mecanismo para dominá-la. A princípio, nota-se que essa dominação está assentada na constelação do interesse pela aquisição de brinquedos, mas tão logo a autoridade de Nuala é estabelecida, a brincadeira passa a acontecer toda terça-feira, e mesmo sendo avaliada como “uma coisa horrível”, a narradora obedecia às ordens sem contestar. Este trecho, além de confirmar seu envolvimento emocional na história, revela também a tensão das relações entre essas crianças. Com isso, percebemos que as meninas, ao agirem como dominadoras e dominadas, embora elas ainda pareçam não ter uma compreensão sobre si mesmas, seus pensamentos e suas emoções, conscientes ou inconscientes, constituem concepções sobre quem elas são na forma de agir. A atmosfera de opressão e submissão representada sobre o outro significa uma experiência para adoção de uma identidade pautada por essa atmosfera. Nesse sentido, ao passo que Eily não contrariava Nuala, a narradora também se deixava dominar pelas duas, por mais que não gostasse da brincadeira, no dia marcado estava sempre lá.

Outro aspecto relevante na configuração das brincadeiras é o fato de elas acontecerem às escondidas, sempre no dia da semana em que a mãe de Eily não estava por perto, e quando retornava, encontrava o ambiente organizado, como se nada tivesse acontecido, evidenciando relações regradas por proibições e desobediências. Essa

perspectiva parte do pressuposto partilhado por essa sociedade da qual elas faziam parte, em particular o que se espera do que é ser uma criança bem comportada, as quais tratam de se representar sob o ângulo mais favorável possível, eliminando suas ansiedades sobre não ser vista como a criança bem comportada aos olhos da mãe das meninas. Todavia, o reflexo na identidade é transparecer o que não se é, ou de representar uma performance identitária de acordo com a situação que melhor convenha às regras do que se espera para o comportamento de uma criança.

A performance identitária, de acordo com Kathryn Woodward, estabelece que identidades individuais e coletivas acontecem “por meio de significados produzidos pelas representações que damos sentido à nossa experiência e àquilo que somos” (2017, p. 18). Essas experiências servem de representações que dão significado para a construção da identidade socialmente aceita pelo grupo, porém em conflito com a identidade das crianças que brincavam escondidas. Esse fazer-se igual para ser aceita está em ressonância com a visão de Erich Fromm, quando diz que:

na sociedade ocidental contemporânea, a união com o grupo é o modo predominante de superar a separação. É uma união em que o ser individual desaparece em ampla escala, em que o alvo é pertencer ao rebanho. Se sou como todos os mais, se não tenho sentimentos ou pensamentos que me façam diferentes, se estou em conformidade com os costumes, ideias, vestes, padrões do grupo, estou salvo; salvei-me da terrível experiência da solidão (1958, p. 34).

Dessa forma, em meio a esse ambiente pautado pela dominação, proibições e desobediências, as personagens sujeitam-se ao modo estabelecido pelo grupo, pelo menos no âmbito social, a fim de serem aceitas e fugirem da solidão. Percebe-se a replicação desse comportamento, quando Eily, já adolescente, manifesta preocupação em ser descoberta pela família, no tocante ao recado de Jack, marcando um encontro, para o qual não sabia como sair de casa, sem ser descoberta. Vejamos esse trecho:

Ela disse que fora a graça de Deus que fizera com que ela fosse lá antes de tudo naquela manhã porque senão o recado poderia ter caído nas mãos de outra pessoa. Ele tinha combinado um encontro para o domingo seguinte, e ela não sabia como é que sairia de casa nem que desculpa daria (...) Eu disse que sim, que me tornaria sua cúmplice, sem saber onde estava me metendo (...) No domingo disse a meus pais que ia com Eily visitar um primo dela, no hospital, e ela por sua vez disse aos seus que fomos visitar um primo meu. (O'BRIEN, 1982, p. 18)

A narradora dá sinais, por meio de suas observações, de que a história não acabaria bem, sendo através dessas opiniões que se confirma a continuidade do mesmo ambiente pautado pelas proibições das brincadeiras na infância. Além disso, a submissão da narradora para com Eily, a ponto de obedecê-la em tudo, denuncia sua excessiva admiração. Ao que parece, tanto a narradora quanto Eily continuam sendo direcionadas a assumirem posições de identidade interpeladas pelo que o contexto social condiciona, baseada nas experiências que elas têm de si mesmas, sem uma consciência de suas

subjetividades. Para o entendimento da subjetividade, Woodward interroga sobre o porquê do investimento nesta ou naquela identidade, sugerindo que:

Os termos “identidade” e “subjetividade” são, às vezes, utilizados de forma intercambiável. Existe, na verdade, uma considerável sobreposição entre os dois. “Subjetividade” sugere a compreensão que temos sobre o nosso eu. O termo envolve os pensamentos e as emoções conscientes e inconscientes que constituem nossas concepções sobre “quem nós somos”. A subjetividade envolve nossos sentimentos e pensamentos mais pessoais (2017, p. 55-56).

Notamos que tanto Eily quanto a narradora são sujeitadas a assumirem posições de identidade que entram em conflito com a identidade que a sociedade espera que elas assumam, senão não seria necessário inventar mentiras para encontrar Jack e nem brincar quando a mãe estivesse fora de casa, cujas ações, em ambas as situações, se dão sempre às escondidas. Em sendo assim, a construção de uma subjetividade pautada pela liberdade de escolha, supostamente, poderia ser suficiente para a promoção do investimento pessoal em uma determinada identidade sem ter que escondê-la, o que explicaria as razões pelas quais nos apegamos a uma identidade em particular. No entanto, tanto Eily quanto a narradora estão sujeitadas a forças socialmente estabelecidas pelo grupo que estão além de seus controles, principalmente, por estarem replicando uma identidade em conflito que as acompanha desde a infância. Para entender a sutileza desses mecanismos de poder, Michael Foucault explica a condução dos corpos na sociedade, a qual invoca para a contestação das evidências, quando diz que:

É dócil um corpo que pode ser submetido, que pode ser utilizado, que pode ser transformado e aperfeiçoado (...) em qualquer sociedade, o corpo está preso no interior de poderes muito apertados, que lhe impõem limitações, proibições ou obrigações. (1986, p. 126)

Na concepção de Foucault, os mecanismos de poder impõem uma identidade de fora para dentro, de instâncias superiores para baixo, transitando continuamente num esforço para ajustar os mecanismos de poder que enquadram a existência dos indivíduos. Todavia, quando ele invoca a contestação das evidências, faz com que performatizemos identidades socialmente aceitas, mas, por outro lado, preservamos uma identidade como nos vemos. Isso significa uma adaptação harmônica dos instrumentos que se encarregam de vigiar o comportamento cotidiano das pessoas, o que é problematizado por Woodward como uma posição de identidade em conflito, em razão de o sujeito assumir uma identidade socialmente aceitável, em paralelo a uma não aceitável, “mas também sugere que encontrar uma identidade pode ser um meio de resolver um conflito psíquico e uma expressão de satisfação do desejo – se é que essa resolução é possível.” (2017, p. 59). Em sendo assim, ao passo que os fatores sociais podem explicar uma construção particular do comportamento esperado, tanto para uma criança, uma adolescente, quanto para um adulto, um determinado momento histórico não dá conta de explicar o porquê do investimento em uma determinada identidade. No entanto, Woodward aponta a dimensão psicanalítica como uma alternativa em determinadas posições particulares de identidade,

por não se limitar a descrever sistemas de significados sociais. Todavia, esta concepção psicanalítica não é nosso foco da análise, visto que delimitamos este estudo no âmbito da proposta do estudo da identidade que se faz nas relações sociais.

Situações da narrativa que representam a construção da identidade de Eily

Ao passar pela demonstração das relações na infância de Eily e ingressar na sua adolescência, passamos agora da transição destas duas fases para sua vida adulta, quando se evidencia a dimensão da representação da identidade de Eily em parte de três situações da narrativa, que elegemos como melhor representação para a construção da identidade dessa personagem. A primeira gira em torno do baile, quando a narradora passa a descrever o comportamento de Eily e das pessoas. A segunda apresenta-se como uma insinuação homoafetiva, quando a narradora ganha de Eily seu perfume “favorito, o tal de Malícia” (p. 22), e acontece um beijo entre as duas. A terceira acontece quando o pai de Eily descobre os seus encontros clandestinos com o namorado e, a partir de então, ela passa a experienciar o comportamento da família e da sociedade sobre seu futuro.

Na primeira situação, a jovem Eily e o Mestre Peter são apresentados pela narradora com características que parecem insignificantes, mas que denotam instâncias decisivas para a problemática do que é ser mulher numa sociedade masculinista. Vejamos como isso ocorre no momento da chegada de Eily ao baile, que marcou seu *début*, embora não fosse uma festa particular sua, mas em benefício do novo altar de mosaico, o qual se subentende ser para a igreja do povoado:

Eily chegou de casaco de *tweed* e disse “Tarde cavaleiros”, ninguém fez nenhuma observação, mas assim que tirou o casaco e descobriu a transparência do vestido de seda pura e os ombros nus, Mestre Peter cuspiu na palma da mão e disse: não é que ela nua fica uma mulher bonita (...) As pessoas ficaram fascinadas. Ela não saiu da pista uma única vez, e quanto mais dançava mais arrebatadora se tornava (...) enquanto os parceiros a rodopiavam mais e mais. (O'BRIEN, 1982, p. 14).

A perspectiva de uma nova realidade se abre a partir de sua debutância, acentuada pelas descrições que a narradora faz da sociedade a qual pertencem, especificamente, o ato pejorativo de Mestre Peter ao cuspir na palma da mão quando Eily mostrou a transparência de seu vestido, reforçando a ideia de que nua era uma mulher bonita, e o quanto Eily se mostrava arrebatadora rodopiando com os parceiros de dança, levando as pessoas a ficarem fascinadas. Mediante essas descrições, a oficialização do ingresso de Eily nessa sociedade demonstra duas instâncias de visão sobre a imposição do homem em relação à mulher, sendo uma pelo corpo feminino, como objeto de desejo para atender aos interesses daquele, e a outra é problematizada pelo seu comportamento arrebatador, portanto, provocativo. Essas duas instâncias apontam como a categoria de gênero é construída socialmente como definidora de identidades e direciona a

compreensão de como as relações sociais são estabelecidas entre homens e mulheres, os papéis que cada um assume na sociedade e, finalmente, as relações de poder entre eles. Judith Butler pode nos ajudar a entender estas instâncias, quando observa que,

[o]s debates feministas contemporâneos sobre o conceito de gênero levam rapidamente a uma sensação de problema (...) Mas “problema” talvez não precise ter uma valência tão negativa. No discurso vigente da minha infância, criar problema era precisamente o que não se devia fazer, pois isso traria problemas para nós. A rebeldia e sua repressão pareciam ser apreendidas nos mesmos termos, fenômeno que deu lugar a meu primeiro discernimento crítico da manhã sutil do poder: a lei dominante ameaçava com problemas, ameaçava até nos colocar em apuros, para evitar que tivéssemos problemas. *Assim, concluí que problemas são inevitáveis* e nossa incumbência é descobrir a melhor maneira de criá-los, a melhor maneira de tê-los. Com o passar do tempo, outras ambiguidades alcançaram o cenário crítico. Observei que os problemas algumas vezes exprimiam, de maneira eufemística, algum misterioso problema fundamental, geralmente relacionado ao pretenso mistério do feminino (2003, p. 7, grifo nosso).

A lição de Butler aponta para a problemática de que ser mulher é uma fonte de mistério e de incognoscibilidade aos olhos dos homens, para os quais, em razão disso, a figura da mulher é antecipada como um objeto, portanto, enfraquecendo a contestação pela mulher sobre a posição de autoridade do masculino. Esta constatação parece dialogar com a construção de uma identidade do feminino que está a se fazer pela fragmentação, em meio a uma indisposição histórica sobre a configuração da identidade medicalizada pela hierarquia compulsória do masculino. Usar um vestido de baile transparente e dançar com homens coloca Eily como criadora de problemas pela objetificação de seu corpo e seu comportamento supostamente provocativo. Essa situação corresponde à perspectiva de problema apresentado por Butler, pois a roupa e a dança mostram a condição inevitável de tornar Eily desejável e por isso coloca-la em apuros numa situação tão trivial. Para tal perspectiva, considera-se que o espaço da mulher não é um espaço próprio mas, sim, o espaço do outro, que tem que ser rompido e transformado. O'Brien aponta para a lição questionadora desse espaço repressor, que é, em certa medida, um ataque aos fundamentos de uma Irlanda incapaz de confessar suas próprias fraquezas, cuja busca pela emancipação da mulher é uma ação conturbada, que exige a construção de novos espaços pautados por novos acordos de vivência, convivência e tomada de decisões, frente àqueles espaços de poder.

Em meio ao questionamento dessa primeira situação, temos a segunda provocação, que ocorre no momento do beijo entre a narradora e Eily, metaforizado pelo perfume predileto da narradora, sob o sugestivo nome de “Malícia”. Segundo o dicionário online *Priberam*, o significado de malícia é “qualidade de maligno; maldade; inclinação para o que é mau; astúcia com que enganamos e não nos deixamos enganar; interpretação danosa; mordacidade; esperteza, velhacaria.” Simbolicamente esse perfume parece representar o aroma da contestação por O'Brien da

heteronormatividade, sob uma forte pressão da culpa reforçada pelo significado da maldade do termo malícia. Eily e a narradora tem, no perfume, a revelação de um eu que esclarece ao leitor o real motivo da cumplicidade entre as duas, sob o vislumbre da possibilidade do rompimento com a heteronormatividade pré-estabelecida por essa sociedade. A descrição desse momento é minuciosa:

Ela me disse para fechar os olhos, abrir a mão e ver o que Deus ia me dar. Há momentos na vida em que o prazer é maior do que a gente pode aguentar, e a gente desce a contragosto por um violento túnel de medo e vertigem (...) dizem que acontece com quem se apaixona, mas aconteceu comigo naquele dia (...) as nuvens que nem navios no céu indo para um porto distante (...) coloquei uma gota do líquido precioso (...) Ela fez exatamente o mesmo e nos beijamos e aspiramos o aroma envolvente. O cheiro do feno interviu, sendo assim corremos até onde não havia feno e nos beijamos outra vez. Aquele momento tinha um ar de mistério e santidade por causa da surpresa e de nosso mutismo, e eu entendi em algum lugar por detrás de minha mente que estávamos envolvidas em algo verdadeiramente sujo e que nossos dias de farra tinham terminado (O'BRIEN, 1982, p. 21-22)

A narradora e Eily se projetam para o caminho de deixar se levar por uma furtiva liberdade, da qual elas não dispõem, que está fora das determinações impostas por essa sociedade, mas não por acaso, o nome do perfume seja Malícia, o que faz dessa metáfora o alicerce para o fato de que, mesmo aquele momento envolvendo mistério e liberdade, está enclausurado pelo cerco da proibição, sob a mão forte das regras dessa sociedade, o que faz a narradora concluir que estavam “envolvidas em algo verdadeiramente sujo” (p.22). O rompimento com a heteronormatividade, de acordo com Butler, seria um paradoxo quando diz que:

Se alguém é uma mulher, isso certamente não é tudo o que esse alguém é; o termo não logra ser exaustivo, não porque os traços pré-definidos de gênero da “pessoa” transcendam a parafernália específica de seu gênero, mas porque o gênero nem sempre se constituiu de maneira coerente ou consistente nos diferentes contextos históricos, e porque o gênero estabelece intersecções com modalidades raciais, classistas, étnicas, sexuais e regionais de identidade discursivamente constituídas. (2003, p. 20)

Ao tomarmos conhecimento da saída do âmbito do recolhimento repressivo vivenciado por Eily e a narradora, para a interação com outras experiências, aparece o vislumbre para a desmistificação da existência de uma mulher essencialista, para uma mulher que se faz historicamente, em meio a uma dialética de resistência às regras claustrofóbicas da sociedade em que vive. Butler chama a atenção quando diz que ser mulher, certamente, não é tudo que essa mulher é, ao passo que não nasce com a mesma amplitude de possibilidades que o homem, portanto, um desafio para a opinião concebida, uma vez que as intersecções da identidade são constituídas em diferentes contextos históricos. Por meio desta segunda situação, a narradora possibilita o redimensionamento das diretrizes que orientam para o reflexo da construção de um “eu”

interior reprimido e naturalizado socialmente, mas que resiste a uma sólida estrutura, provocada pelo aspecto significativo da relação simétrica entre a narradora e Eily, que faz com que elas se mostrem como são, com uma identidade que só as duas conhecem, porém, reprimida por suas subjetividades, as quais não podem rebelar-se contra o ideal sistemático do Estado irlandês e da Igreja Católica.

Em Butler, temos mais uma lição esclarecedora sobre a mulher que se constrói historicamente, que é problematizada pelas questões de sexo e gênero, uma vez que as características biológicas do sexo não formam um terreno suficientemente sólido e estável para fundamentar a identidade de gênero. Nesse sentido, Butler afirma que gênero é *performativo*, uma vez que é constituído por modos de agir de acordo com o que é pré-definido como feminino e masculino. Portanto, para Butler a identidade de gênero é disciplinada pela heteronormatividade que, conseqüentemente, estabelece a heterossexualidade como reguladora da sexualidade. Todavia, a reiterada reprodução da performance da heteronormatividade é ocultada pelo caráter político da regra disciplinadora do gênero. Isso implica em dizer que pela repetição a heteronormatividade ganha o caráter de “natural”, expandindo para o campo “universal”. Assim, se constrói a ilusão da essência do feminino e do masculino, como disciplinadores do comportamento do que é ser mulher e homem. Isso implica na importância de voltarmos ao ponto em que a narradora declara que estavam envolvidas em algo pecaminoso, portanto, seriam condenadas por isso, conduzindo à conjuntura denunciada pelo seu ponto de vista, do quanto estavam presas pela ilusão da naturalização disciplinada por uma identidade que se pauta pela heteronormatividade “universal”.

A terceira situação se constitui na estrutura familiar. Para esta sociedade a família é a base da relação na qual ocorre a interação estrutural para a formação da sociedade do Estado irlandês, resguardada pelos preceitos da Constituição de 1937. No notório artigo 41, o aspecto da importância da família como grupo natural de unidade primária passa a ser fundamental para a sociedade irlandesa, sendo considerada a instituição moral que possui direitos inalienáveis e imprescritíveis, portanto, antecedentes e superior a todas as leis possíveis. Com esse artigo, ratifica-se e postula a mulher como centro da vida doméstica, em particular, assegura-se a ideia de que sua vida dentro de casa daria ao Estado um apoio, sem o qual o bem comum não seria alcançado. Para tanto, seria dever do Estado assegurar que as mães não fossem obrigadas a se dedicar ao trabalho fora do âmbito doméstico, negligenciando seus deveres do lar. Neste conto, percebemos uma recusa flagrante ao ideal de família nacionalista proposta no tropo desta Constituição, ao passo que a narradora nos conta sobre a infância de Eily e apresenta características dos seus pais. Embora constitua uma família dentro dos possíveis padrões normativos da Constituição, não dão à filha a afetividade e a segurança necessária ao desenvolvimento harmônico de sua personalidade, ao passo que o pai abusava fisicamente de Eily e a voz de sua mãe era sucumbida através do marido. Além disso, os conflitos com a irmã Nuala eram constantes, visto que brigavam por tudo. Portanto, apresentando-se como figuras distantes, pobres em afetividade e educação rudimentar, conseqüentemente, convertendo-se em um ambiente familiar problemático e propício para desencadear carências à jovem Eily. Isso é bem acentuado, principalmente, na figura do

pai e da sua irmã, visto que, embora a mulher seja falsamente vendida pelos preceitos constitucionais como a propulsora do ambiente doméstico familiar, o que se afigura na mãe de Eily é uma mulher obscurecida pelo marido. Vejamos conforme está narrado:

[s]eu pai era um homem muito bruto, que nunca se dirigia à família a não ser para pedir as refeições e dizer às filhas que se importassem com os livros escolares. Ele próprio nunca fora a escola (...) mas era perspicaz na compra e venda de gado e do rebanho, e alegava que era porque se encontrava com gente escolada. Era um velho de temperamento atroz [...]. Seu pai voltou bêbado para casa, e parecia um rapaz correndo pelo terreno com as meias cor de mingau de aveia – ele perdera os sapatos[...]. Sua mãe (...) Era uma mulher atrasada e talvez, por viver no campo, não tivesse amigos nem nunca tivesse entrado na casa de ninguém (...) e nunca chamava o marido de outra coisa a não ser de Senhor (O'BRIEN, 1982, p. 23-32-33).

O ideal de família nacionalista que daria sustentação para o fortalecimento do Estado irlandês é construído pela representação da valorização excessiva da atividade social do homem, enquanto a mulher atua de acordo com os parâmetros tradicionais, subjugada pela figura do homem. O desencadear das informações buscadas sobre o comportamento do pai de Eily nos mostra um pai e marido bruto, ignorante e bêbado, portanto, incapaz de proporcionar a estabilidade necessária ao fortalecimento do ideal de família ilusoriamente proposto pela Constituição irlandesa. Por extensão, temos na figura da mãe o oposto do ideal de senhora e alicerce do lar, visto que era apagada pela exaustiva submissão ao marido que, nesse sentido, era tratado como Senhor.

Eily cresceu acuada em seus medos, em meio a um ambiente familiar desestruturado. Na adolescência, ela projeta no ideal de amor romântico a busca pelo “Romeu”, para escapar da referência não afetiva permeada pela ira do pai abusivo. Essas proporções angustiantes e desestruturadas se acentuam ainda mais a partir do momento em que Eily é descoberta pelo pai, como observa a narradora, “Ele disse que encontrara a filha no forno de cal, em companhia do bancário, na posição satânica, com a barriga dela à mostra” (p. 27). Essa evidência faz entrar em cena o tribunal do júri, composto pelos familiares, o vizinho e padre, incorporando a posição da sociedade e da Igreja Católica como disciplinadoras do comportamento do indivíduo. O que nos remete, novamente, ao ponto em que decretam Eily a ser enclausurada em um quarto com os ratos, a pão e chá, podendo sair somente para a igreja sob vigilância. Acrescenta-se a isso que o pai ainda queria por um cabresto em volta dela, o que é contestado pela mãe da narradora, “mas minha mãe disse que não estávamos na Idade Média” (p. 31). Tomamos conhecimento das proporções de como essa sociedade lida com a gravidez fora do casamento, como é o caso de Eily, na seguinte citação:

Lá ajoelhada, eu os via descobrir os traços de cada um dos movimentos, conseguir pedaços de informação de uns e outros, os pseudoprimos, a mulher que nos prometera groselhas, e a Sra. Bolan. Eu sabia que nós não tínhamos esperanças. Eily! Sua coisa mais preciosa tinha ido embora, sua joia. O lado de dentro da gente era como um relógio e, uma vez que a

joia ou joias tivessem ido embora, o lado de fora era nada, só uma aparência. Eu a vi morrer no frio forno de cal e depois de novo num quarto doentio, e depois estirada numa mesa de operação como eu costumava ficar. Ela se associaria àquela pequena *irmandade de mulheres escandalosas* que conceberam filhos sem pais protetores e foram condenadas de corpo e alma. Se elas se tivessem reunido teriam sido um bando de sete ou oito, e poderiam ter lançado um gemido profano ao seu autor e seus sedutores secretos (O'BRIEN, 1982, p. 28 – grifo nosso).

O estigma de ser considerada “uma mulher escandalosa” projeta para a indagação sobre quais escândalos Eily estava sendo julgada. Pelo demonstrado até agora, permeia em torno do que essa sociedade determinou como tal, e a narradora se encarrega de apresentá-los acentuados pelo elemento essencial da culpa de Eily, pelo fato de não ter seguido as regras da Igreja, que são orquestradas pela sociedade que disciplina o comportamento da mulher, imputando-a ao cerne da escandalosa e da pecadora abominável. Sobre o sentimento de culpa Fromm explica que,

Pode-se dizer que uma pessoa dominada pela sensação de sua própria impotência e indignidade, por dúvidas incessantes quanto à salvação verdadeira, sofre de sério defeito. No entanto, esse mesmo defeito foi socialmente modelado; foi considerado particularmente valioso, sendo o indivíduo, assim, protegido da neurose que adquiriria em uma cultura em que o mesmo defeito lhe desse a sensação de inadequação e isolamento profundos (1955, p. 26).

Nesse sentido, Fromm considera que os defeitos são modelados pela sociedade, mas se esse “defeito” é compartilhado com muitos outros, estes não chegam a ter ciência de serem possuidores do defeito. Neste caso, sua segurança não é ameaçada pela sensação de ser diferente dos demais. Todavia, ao passo que esse indivíduo poderia ter perdido em riqueza humana e em sentimento autêntico de felicidade é compensado pela segurança harmônica com o resto da sociedade – como ele a conhece – portanto, proporcionando-lhe uma intensa sensação de êxito. O remédio que a família, a sociedade e a Igreja Católica dão ao defeito de Eily é o casamento com Jack, forçado a partir do escândalo da gravidez inesperada, dando continuidade às suas frustrações, mas exitoso ao grupo de poder em que vive. Por outro lado, Jack segue uma vida aparentemente inalterada, mesmo após o casamento, inclusive, com suas seduições, que são observadas pela narradora, como se pode ver no trecho em que ela vivencia a visita de Eily e seu esposo, “Seu marido foi muito afável, deixara o cabelo crescer, e durante o chá ficara apertando o joelho contra o meu, e me perguntando do que eu mais gostava” (p. 39), enquanto Eily passava por uma existência sombria, sendo penalizada por ter engravidado, como se ela tivesse que ser amaldiçoada por não ter seguido as regras sociais estabelecidas.

A desilusão com o ideal conjugal resulta em colapso nervoso, levando Eily à loucura, “quando vimos aquela criatura louca vindo em nossa direção (...) Todo mundo a evitava, e até então ela gritava algo e brandia o punho e lutava para ser ouvida” (p. 39-40). Em decorrência de sua loucura, Eily é submetida a tratamento psiquiátrico, sendo

medicalizada à aceitação, portanto, ao esquecimento do passado, como uma referência a um sistema com viés de uma identidade em conflito, que acompanha Eily desde a infância e alcança a vida adulta, a ponto de levá-la a loucura. A ideia de conflitos entre os desejos da mente e as demandas das forças sociais tem sido, na leitura de Woodward, utilizada para

explicar comportamentos aparentemente irracionais e o investimento que os sujeitos podem ter em ações que podem ser vistas como inaceitáveis por outros, talvez até mesmo pelo eu consciente do sujeito. Podemos estar muito bem informados sobre um determinado domínio da vida social, mas mesmo assim acabamos nos comportando contra nossos melhores interesses. Apaixonamo-nos pelas pessoas erradas, gastamos dinheiro que não temos, deixamos de nos candidatar a empregos que poderíamos conseguir e nos candidatamos para empregos para os quais não temos qualquer chance. Chegamos até mesmo ao ponto de realizar ações que podem ameaçar nossas vidas apenas para afirmar uma determinada identidade. Sentimos emoções ambivalentes – raiva para com as pessoas que amamos e, algumas vezes, desejos por pessoas que nos oprimem (2017, p. 63).

É importante esclarecer que não temos a pretensão de avaliarmos todos os elementos que afetaram a construção da identidade de Eily, até porque não teríamos condições de fazê-lo aqui. Posto isto, nos limitaremos a ter como base a leitura apontada por Woodward, no sentido de que nesta terceira situação se confirmam a força da sociedade, da Igreja Católica e a desarmonia das relações opressoras que habitavam a constituição de sua família como propulsora para um estado de constante conflito e ambivalência. Consequentemente, essas forças aparecem como definidoras para a experiência da construção da identidade de Eily, pautada pela ambivalência e a fragmentação. Por isso sua loucura tem um percurso repetido pelo processo histórico que tem início na infância e se estende até a vida adulta. A condução da narradora por meio de seu ponto de vista leva o leitor a conhecer a agressividade e a violência provocadas pelo conjunto da família, da sociedade e da Igreja Católica, tendo como consequência a loucura de Eily, revelando uma crítica contumaz a esses mecanismos de poder.

Como contraponto ao contexto histórico irlandês, em meio a essa sociedade repressora de meados do século XX, dominada pelo forte nacionalismo católico, que circunscrevia o comportamento da mulher às tarefas domésticas, à maternidade e ao casamento como única saída, acentuados pelas regras constitucionais de não poder trabalhar fora do ambiente doméstico, percebemos neste conto a provocação de uma crítica ao desequilíbrio dessa identidade de gênero. Tal crítica é reforçada pela representação de uma mulher que tenta sua reconstrução, com o vislumbre do trabalho no negócio da família como uma alternativa para emancipação e redefinição de si, uma vez que essa alternativa dá a Eily a condição de ser uma “senhora absoluta do lugar (...) Ela piscava cada vez que abria a caixa registradora, só para eu ver que era boa naquilo” (p. 41). Todavia, não deixa de incorporar o discurso de resistência, que enfatiza o

descontentamento, a frustração e a rejeição dessa identidade da mulher, que ganha forma através das personagens femininas neste conto.

É pertinente observar que O'Brien faz uso de duas personagens que intercalam o protagonismo: uma narrando em primeira pessoa conta a história da outra. Temos aí o que poderia ser classificado como duas heroínas distintas, Eily que é vítima da insanidade, em razão da tentativa de rejeição às convenções sociais, e a narradora que aparenta aceitá-las e, como alternativa de sobrevivência, sujeita-se à normalidade repressiva pela autoimolação com gargarejos de sal e uma culpabilidade recorrente como pecadora abominável. O uso dessas duas personagens representa a dualidade no processo emancipatório feminino, uma pela contestação e a outra pela aparente aceitação.

Ao desmascarar essa condição pelas lentes dessa análise, é possível, a partir daí, questionar as regras disciplinadoras do que é ser mulher e homem nessa sociedade compreendidos como frutos do processo natural e sobre a difusão da ideia pela qual não há nada o que se fazer. No entanto, com Butler vem à tona as relações de poder que sustentam o regramento dessas identidades e, com estas, emergem também a possibilidade de discursos de resistências a essas regras, vendidas como naturais. Decorrem dessas resistências e desconstruções as muitas conquistas que foram alcançadas pelas mulheres irlandesas, pautadas tanto pelas ondas do feminismo⁴, como por movimentos anteriores. Todavia, várias discussões ainda permanecem na atualidade e muito ainda há a resistir, visto que, na visão de Fromm, o foco da natureza humana não se restringe nem só ao âmbito biológico ou sociológico, mas à junção desses dois aspectos, esclarecendo que

[o] homem é sempre, em qualquer cultura, manifestação da natureza humana, manifestação essa que é, em sua expressão específica, determinada pelos arranjos sociais sob os quais ele vive. Assim como a criança nasce com todas as potencialidades humanas a serem desenvolvidas sob condições sociais e culturais favoráveis, a raça humana transforma-se, no processo histórico, naquilo em que ela é potencialmente. (1955, p. 24-25)

Essa decisão vai sedimentar a ideia de que os comportamentos dos indivíduos se tornam “uma criação contínua pela sociedade, e a sociedade uma criação ininterrupta dos indivíduos” (DECHAMPS & MOLINER, 2009, p. 22). A partir dessa ideia de continuidade apontamos que essa leitura foi apenas um dos possíveis campos eleitos para esta análise, o que viabiliza a continuidade da discussão e deixa-a aberta para outros campos de interpretação, visto que tanto o indivíduo está sujeito às regras da sociedade, quanto esta também sofre as ações promulgadas pela força do indivíduo em seu contexto histórico.

⁴ Não trouxemos a discussão sobre as pautas das ondas do feminismo irlandês para este artigo porque desviaria muito do foco dessa discussão. Para maiores informações sobre como se deram as ondas feministas irlandesas, recomendamos consultar o preâmbulo da dissertação *Mimeses da relação triádica entre identidade, cultura e poder em três contos de Edna O'Brien*, escrita por Albetania Pessoa de Sousa.

Considerações finais

Ao analisar o conto “Uma Mulher Escandalosa” apresentamos primeiramente o percurso histórico da vida da protagonista Eily, desde a sua infância até a vida adulta, propondo entender, por meio de suas relações sociais, os fatores que influenciaram na construção da sua identidade. Mostramos que temos conhecimento desses fatores a partir do ponto de vista da narradora que se revela testemunha e cúmplice da história. Em seguida, elegemos três fases (em ordem cronológica) que mais se destacam na construção da identidade de Eily.

Pelas perspectivas teóricas apresentadas, compreendemos que a identidade da protagonista, cuja tendência social é ser naturalizada, não é inata, mas sim, uma identidade formada por marcas que estão impressas na personagem, que convergem na identidade em conflito proposta por Woodward, em razão de o sujeito assumir uma identidade socialmente aceitável, em paralelo a uma não aceitável. A teórica menciona ainda que encontrar uma identidade pode ser um meio de resolver um conflito psíquico e uma expressão de satisfação do desejo, supondo que essa resolução seja possível.

É nesse campo de impossibilidades de ajustes que concluímos que as marcas que levaram Eily à loucura decorrem de um processo histórico que tem início no ambiente familiar da infância, visto que ela sofria agressões físicas do pai e vivia em constante conflito com a única irmã. Além de não ter vivenciado uma infância saudável, uma vez que as brincadeiras dessa fase eram estranhas e aconteciam escondidas da mãe, a transição da infância para a adolescência também não foi saudável, pois quando Eily sai do ambiente privado de sua casa e vai para um baile, onde ocorre a comemoração de seu *debut*, fica perceptível o quão é perigoso ser mulher nessa sociedade, uma vez que suas roupas “transparentes”, seu comportamento e sua alegria, deixam-na vulnerável ao desejo dos homens. Esse conjunto representa um perigo e um problema, que faz parecer que decorre dela e não de quem construiu isso como um problema.

Desse modo, as atitudes da protagonista a conduzem a agir como se ela estivesse sempre cometendo um delito, pois a partir do padrão das brincadeiras de infância, passando pela fase do namoro na adolescência, tudo era feito às escondidas. Quando adulta, ao ser descoberta, acaba passando pelo tribunal do júri, composto pela tríade: família, sociedade e Igreja Católica, cujo resultado é a sua condenação ao casamento forçado. Além dos regramentos representados por essa tríade, a análise traz reflexões que dão a entender que a heteronormatividade está sendo contestada, visto que sinaliza para uma possível relação homoafetiva entre Eily e a narradora da história, e que, entretanto, não seria a homoafetividade que deveria ser contestada, mas sim, a heteronormatividade imposta, tal qual é visto na teoria de Butler. Seguindo a análise chegamos ao entendimento de que a identidade de Eily se dá pela relação de conflito com o grupo, tendo como consequência a sua inadequação, que resulta em loucura, dialogando, respectivamente, com a teoria de Woodward e Foucault.

Referências

- AUERBACH, Erich. *Mimeses: A representação da realidade na literatura ocidental*. Trad. vários tradutores. 6º ed. São Paulo: Perspectiva, 2013.
- BUTLER, Judith. *A vida psíquica do poder: teorias da sujeição*; Tradução de Rogério Bettoni, 1ª edição – Belo Horizonte: Autêntica, 2017.
- BUTLER, Judith. *Problemas de gênero: Feminismo e Subversão da Identidade*. Tradução: Rogério Aguiar – Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.
- CONSTITUTION OF IRELAND. 1937. *Article 41*. Disponível em: <<https://g1.globo.com/mundo/noticia/irlandesas-querem-manter-lei-que-diz-que-lugar-da-mulher-e-em-casa.ghtml>>. Acesso em: 20 fev 2019.
- DESCHAMPS, Jean-Claude; MOLINER, Pascal. *A Identidade em Psicologia Social*. Petrópolis –RJ: Ed. Vozes, 2009.
- FOUCAULT, Michel. *Vigiar e punir: história da violência nas prisões*. 4ª ed. Petrópolis: Vozes, 1986.
- FRIEDMAN, Norman. “O Ponto de Vista na Ficção: o desenvolvimento de um conceito crítico”. Tradução: Fábio Fonseca de Melo. In: Revista USP, São Paulo, nº 53, p. 166-182, março/maio, 2002.
- FROMM, Erich. *A Arte de Amar*. Tradução: Milton Amado. Belo Horizonte: Itatiaia, 1958.
- FROMM, Erich. *Psicanálise da Sociedade Contemporânea*. Tradução: L. A. Bahia e Giasone Rebuá. São Paulo: Círculo do Livro S.A. 1955.
- O’BRIEN, Edna. *Uma Mulher Escandalosa*. Rio de Janeiro; Editora Francisco Alves, 1982.
- PRIBERAM DICIONÁRIO. Disponível em: <<https://dicionario.priberam.org/malicia>>. Acesso em 19 ago 2019.
- REUTER, Yves. *Introdução à análise do romance*. Tradução: Angela Bergamini (et al.). 2ª ed., São Paulo; Martins Fontes, 2004.
- SANTOS, Luis A. B.; OLIVEIRA, Silvana P. *Sujeito, Tempo e Espaço Ficcionalis: Introdução à Teoria Literária*. São Paulo: Martins Fontes, 2001.
- SOUSA, Albetania P. *Mimesis da relação triádica entre identidade, cultura e poder em três contos de Edna O’ Brien*. 2020. 95f. Dissertação Mestrado em Letras – Universidade Federal do Tocantins, Porto Nacional (2020).
- WOODWARD, Kathryn. “Identidade e Diferença: uma introdução teórica e conceitual”. In T. T. Silva (Org.) *Identidade e Diferença: perspectiva dos estudos culturais*, 7 ed. Petrópolis, RJ; Vozes, 2017.

Recebido em: 29/06/2020

Aceito em: 29/06/2020

Referência eletrônica: DE SOUSA, Albetania Pessoa; FERREIRA, Rejane de Souza. *Uma mulher escandalosa: situações que marcam a construção da identidade*. *Criação & Crítica*, n. 27, p., nov. 2020. Disponível em: <<http://revistas.usp.br/criacaoecritica>>. Acesso em: dd mmm. aaaa.